

ADOÇÃO TARDIA

Georgia Roberta Kehl^a, Joice Cadore Sonogo^{a*}, Lisandra Mendes da Silva^a, Paola Amaro de Carvalho^a, Rafaela Della Giustina^a

a) FSG Centro Universitário

*Joice Cadore Sonogo (Orientador)

Endereço: Rua Os Dezoito do Forte, 2366 - Caxias do Sul - RS -
CEP: 95020-472.

Palavras-chave:

Adoção. Adoção Tardia. Transição para a Parentalidade.

INTRODUÇÃO/FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: A adoção, de acordo com o dicionário provem do verbo latim “adoptare”, que significa tomar por filho, escolher seguir. Para o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a adoção é uma medida excepcional e irrevogável, que deve ser tomada apenas após esgotarem-se todas as medidas para que a criança permaneça no núcleo de sua família e/ou família extensa. De acordo com outros autores, como Triseliotis et al. (1997) *apud* Levizon (2004), a adoção é uma forma de satisfazer as necessidades de desenvolvimento de uma criança, onde a responsabilidade legal não seria mais dos pais biológicos, mas sim dos pais adotivos. Tem-se o objetivo de desmistificar os pré-conceitos e julgamentos acerca da prática da adoção, especialmente no que confere a adoção de crianças mais velhas, a chamada adoção tardia. No mês de agosto de 2018, no Brasil, segundo o Cadastro Nacional de Adoção (CNA), havia cerca de 9027 crianças/adolescentes aguardando adoção, ao passo que existiam 44408 pessoas habilitadas a adotar. Estes dados levantam o questionamento de o porquê ainda haver tantas crianças na espera pela adoção, sendo que o número de pretendentes é muito superior ao de possíveis adotados.

MATERIAL E MÉTODOS: Para o desenvolvimento da presentepesquisa foi utilizado o método de pesquisa bibliográfica, elaborada a partir de materiais já publicados, com o objetivo de criar conhecimento a sobre o assunto (GIL, 2017; MARCONI, LAKATOS, 2003). Foram utilizados artigos, periódicos e livros físicos. Os artigos foram buscados nas bases de dados EBSCO, SciELOePePSIC, a partir dos descritores: adoção, adoção

tardia, transição para a parentalidade, desejo de tornar-se pai. **RESULTADOS E DISCUSSÕES:** Esta discrepância entre o número de crianças aptas para adoção e o de pretendentes ocorre, segundo Peiter (2011) *apud* Sampaio, Magalhães e Carneiro (2018), por haver um grande número de crianças/adolescentes que não se encaixam nos perfis dos adotantes. São as chamadas adoções difíceis, entre as quais se incluem as adoções tardias, de grupos de irmãos, daqueles que possuem algum tipo de deficiência, o que faz com que este tempo de espera seja tão prolongado para ambos. Para Weber (2004), preparar-se para ter um filho, biológico ou adotivo, requer uma análise sobre os riscos, desejos, medos, expectativas e motivações, de modo que os pais estejam cientes de seus próprios limites e possibilidades. No processo de adoção, há uma fantasia de que os pais ou filhos adotivos serão perfeitos, porém esquece-se que cada um é singular, e que carrega consigo sua própria história, medos e angústias. Por este motivo, os pais devem percorrer o caminho entre o filho real e imaginário, para que este possa sentir-se acolhido na nova família (ROSA, 2008; QUEIROZ, 2004), pois estas crianças, muitas vezes, já possuem um histórico de perdas e rupturas e, com isso, sentimentos de insegurança, rejeição e autonomia. Isto pode acabar por gerar o medo de apegar-se a esta família e ser abandonado novamente, assim como não deixar-se ser amado e cuidado (BICCA, GRZYBOWSKI, 2014; COSTA, ROSSETI-FERREIRA, 2007; SAMPAIO et al., 2018; SILVA, KEMMELMEIER, 2010). Segundo os mesmos autores, este processo de formação de vínculos pode ser mais difícil nos casos de adoção tardia, pois estas crianças irão participar ativamente do processo, diferentemente de um bebê. Rosa (2008) salienta ainda que, muitas vezes, as crianças irão testar o amor dos pais de todas as formas que puderem, para saber se não serão abandonados novamente. Porém, estes comportamentos podem ser vistos como provenientes de algum fator biológico ou da história pregressa (SAMPAIO et al., 2018; SILVA et al., 2010). Sendo assim, é muito comum que os pais adotivos queiram apagar a história da criança antes de ser adotada, não falando deste processo. Porém, entende-se que estes não ditos abrem espaço para a fantasia. Entretanto, este assunto acaba por trazer divergências entre os autores, pois para Rosa (2008) este espaço para a fantasia permite à criança um momento de criar a sua própria história. Já Sampaio et al. (2018), dizem ser necessário o acesso ao passado para que se possa perguntar e, juntamente com a família, elaborar o passado. **CONCLUSÃO:** Pode-se concluir que, mesmo que muito já se tenha falado sobre o processo adotivo, ainda há muito que falar e esclarecer, antes que

este seja tratado de maneira natural pela sociedade, que muitas vezes está moldada em padrões e costumes arcaicos.

REFERÊNCIAS

BICCA, A.; GRZYBOWSKI, L.S. Adoção tardia: percepções dos adotantes em relação aos períodos iniciais de adaptação. **ContextosClínic**, v.7, n.2, p.155-167, 2014.

CADASTRO NACIONAL DE ADOÇÃO. Relatório de Dados Estatísticos. Brasília: **Cadastro Nacional de Adoção**, 2018. Recuperado de <http://www.cnj.jus.br/programas-e-acoes/cadastro-nacional-de-adocao-cna>

COSTA, N. R. A.; ROSSETI-FERREIRA, M.C. Tornar-se pai e mãe em um processo de adoção tardia. **Psicol. Reflex. Crit.**, v.20, n.3, p.425-434, 2007.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6.ed 26-33, São Paulo: Atlas, 2017.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M.A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5.ed São Paulo: Atlas, 2003.

LEVIZON, G. K. **Adoção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

ROSA, D. B. A narratividade da experiência adotiva: fantasias que envolvem a adoção. **Psicol. Clin.**, v.20, n.1, p.97-110, 2008.

ROSSATO, L. A.; LÉPORE, P. E.; CUNHA, R. S. **Estatuto da Criança e do Adolescente: comentado artigo por artigo**. 9. ed São Paulo: Saraiva, 2017.

SAMPAIO, D. S.; MAGALHÃES, A.S.; FERES-CARNEIRO, T. Pedras no caminho da adoção tardia: desafios para o vínculo parento-filial na percepção dos pais. **Trends Psychol.**, v.26, n.1, p.311-324, 2018.

SILVA, A.M.; KEMMELMEIR, V. S. Vivências de famílias que adotaram pré-adolescentes e o mito da adoção tardia. **Publ. UEPG Humanit.Sci.**, v.18, n.2, p.97-112, 2010.

QUEIROZ, E. F. O “estranho” filho adotivo. Uma leitura clínica do *Unheimlich* na adoção. **Rev. Latinoam. Psicopatol. Fundam.**, v.7, n.4, p.100-111, 2004.